VERGASTAS

OBRAS DO AUCTOR

NÉVOAS MATUTINAS, poesia, editor Thompson, Rio de Janeiro, 1 vol.

ALVORADAS, poesia, editor B. L. Garnier, Rio de Janeiro, 1 vol.

O MARIDO DA ADULTERA, romance, editor M. de Oliveira Andrade, Campanha (Minas), 1 vol. A' venda na livraria Garnier.

ESBOÇOS E PERFIS, contos, editores Lombaerts & C., Rio de Janeiro, r. dos Ourives 7, 1 vol.

LUCIO DE MENDONÇA

VERGASTAS

...facit indignatio versum.
JUVEN., *Satyr.* I.

O shame! where is thy blush?
SHAKESPEARE, *Hamlet*, act. III, sc. IV.

RIO DE JANEIRO
TYP. E LITH. DE CARLOS GASPAR DA SILVA RUA DA QUITANDA 111 E 113
1889

Á

MEU PRIMEIRO FILHO

DANIEL

INDICE

VERGASTAS

A MEU PRIMEIRO FILHO

Meu filho! uma onda de emoção sagrada
Encheu-me o coração quando vieste
Alumiar-me a vida, qual, doirada,
Rompe a manhã depois da noite agreste.

Eras meu filho!... Trémula avesinha,
Um sôpro bastaria a dar-te morte...
Oh! como então, vida da vida minha,
Para te proteger senti-me forte!

E via-te já homem, a meu lado,
Intrepido soldado do Direito,
Amparando-me o braço fatigado,
Accêso em nobre fé o altivo peito.

Não me desmintas a visão solemne
Deste esplendido sonho ! e apenas basta
Que honestamente cumpras o que ordene
Teu coração de moço enthusiasta.

Ama o povo, abomina a tyrannia;
Defende o fraco, lucta com a maldade
Sem tréguas nem perdão, filho ! confia
Na Justiça, no Amor e na Verdade.

Chovam-te minhas bençams aos milhares !
E se meu coração todo desejas,
Segue-me os passos ; — mas se apostatares,
Filho de meu amor, maldicto sejas !

4 de dezembro de 1882.

A UM PULPITO QUEBRADO

AO LIVRE PENSADOR ANGELO AGOSTINI

ESTÁS inoffensivo, estás vasio,
Velho caixão malvado,
Que trazias de Roma, consignado
Ás multidões beatas
O preconceito estupido e sombrio
E o dogma bestial, de quatro patas.

Tu nunca foste compassivo e terno:
Ao pobre, quasi nú,
Que lhe dizias tu?
Os terrores dramaticos do inferno!

Por todos os tres lados,
Blasphemavas feroz contra o Progresso.
Que foi 93? foi um possesso,
Crivado de peccados;
A Liberdade, um sonho sedicioso;
A Sciencia, uma cynica atrevida;
Só a Religião é que é a vida,
E a reza, o largo porto bonançoso.

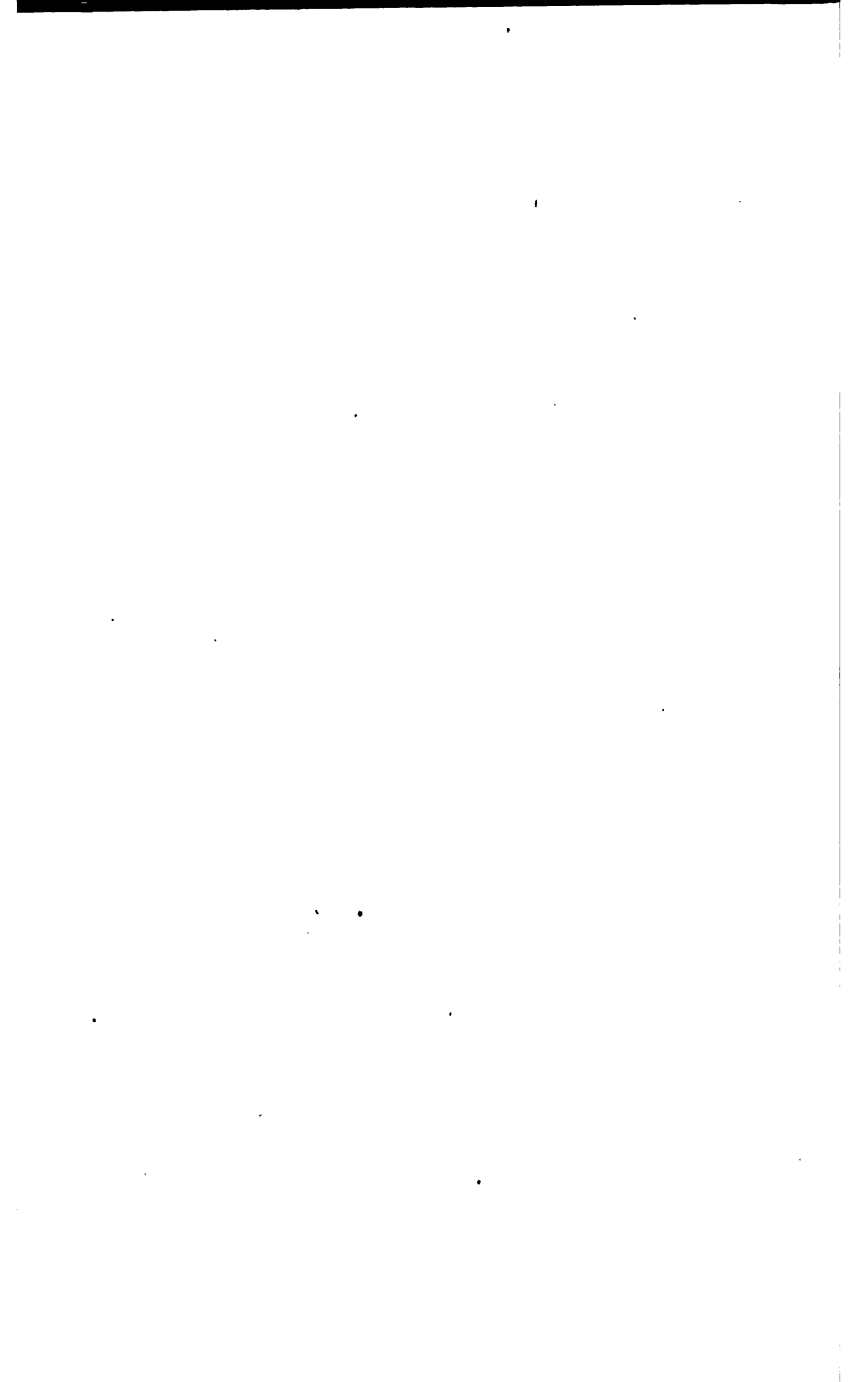
Da Imprensa tu disseste mais horrores
Do que Mafoma disse do toicinho...
É o pestifero ninho
Dos abutres do mal e da impiedade,
Covil de peccadores
Que têm de arder por toda a eternidade.

Hoje, cahida em ruinas a capella,
Estás á chuva e ao vento e ao sol aberto...
Estás melhor, decerto.
Hoje, em logar do cirio, vês a estrella.
Do máu cheiro de incenso desinfecto,
Agora perfumou-te
A viva aragem fresca da campina;
E tens por vasto, radioso tecto
A cupola divina,
A constellada abobada da noute.

Em vez do orgam fanhoso, ouves agora
O cantico das aves,
As musicas da aurora.

E sobre as tuas traves,
Donde escorria a onda das asneiras,
Gemem de amor as pombas forasteiras.

Novo padre Jacyntho, sacudiste
O teu jugo catholico romano,
E em vez de velho pulpito tão triste,
És um digno caixão, livre e profano.
E, pois te restituiste
Á grande communhão da natureza,
Acharás, com certeza,
Um fim mais nobre, donde te provenha
De ser util a esplendida alegria:
Acabarás em lenha
Para aquecer de um pobre a noite fria.

1882.

A BANDEIRA APEDREJADA

A QUINTINO BOCAYUVA

In hoc signo vinces.

O République universelle,
Tu n'es encor que l'étincelle,
Demain tu seras le soleil !

VICTOR HUGO.

Auriverde pendão de minha terra
Que a brisa do Brasil beija e balança !
Estandarte que a luz do sol encerra
E as promessas divinas da esperança !

CASTRO ALVES.

NA cidade de Cesar, alta noite,
Como um propheta em meio de uma orgia,
Um phantastico vulto apparecia
A rutilar de esplendidos signaes.
Traz em lettras de luz palavras sanctas...
Das nações livres os pendões hasteia...
No meio delles fraternal ondeia
Auriverde pendão sem nada mais !

O novo Balthazar, que se embriaga
Na taça do poder que já transborda,
Vacilla... manda a famulenta horda,
Que a mesa serve dos festins reaes,
Contra a visão que lhe perturba a orgia!
Ladra a matilha que o senhor açula...
E em cima, calmo como a idéia, ondula
Auriverde pendão sem nada mais!

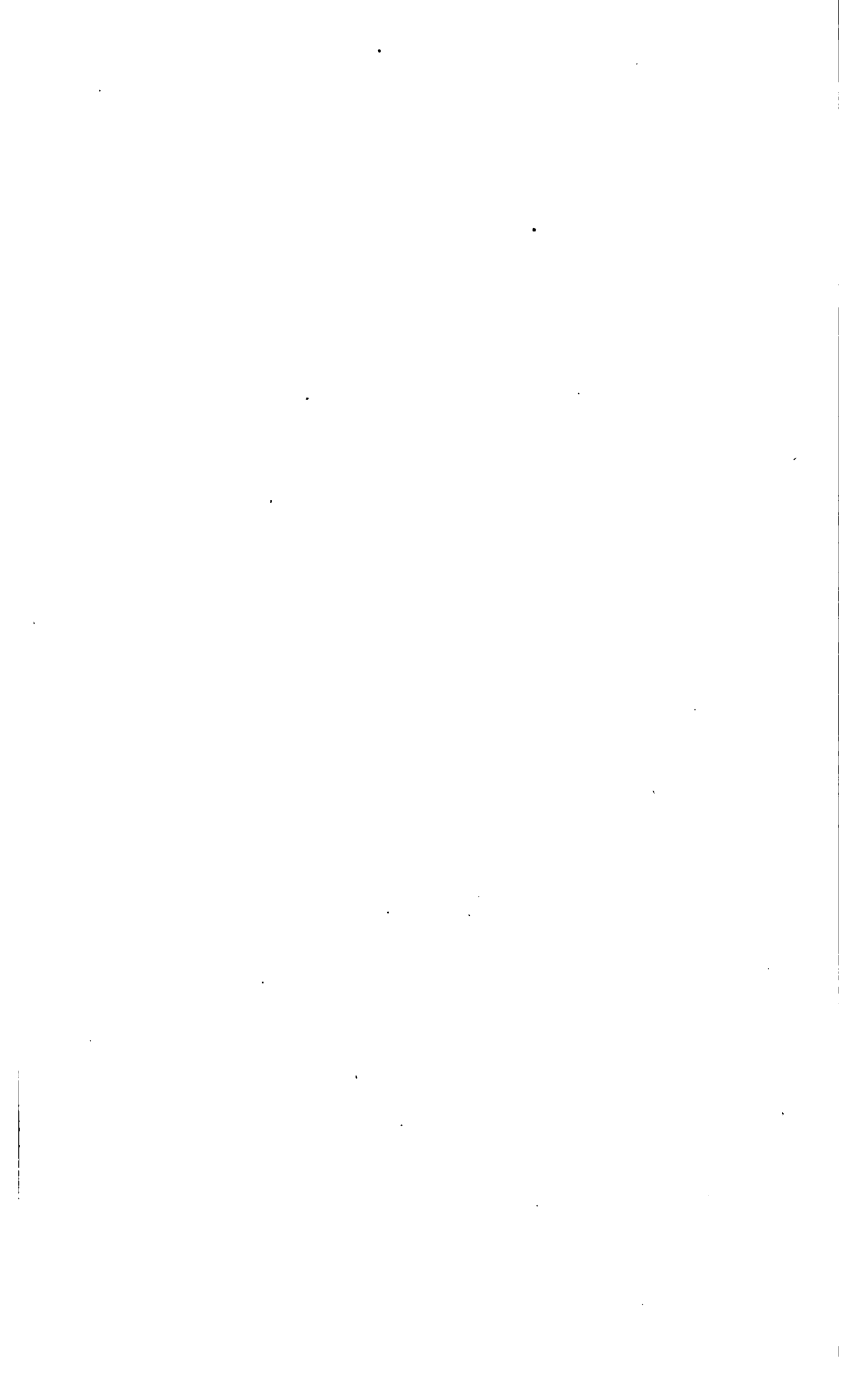
Eil o, no meio das bandeiras livres,
O vulto immenso, o semi-deus dos *crentes!*
É Castelar, o apostolo das gentes,
O tribuno dos grandes idéiaes!
É o Moysés das gerações modernas,
Que leva o povo á Promissão dos povos!
Saúda-o, voz dos brasileiros novos,
Auriverde pendão sem nada mais!

Os novos phariseus lhe atiram pedras!
Apedreja-se o Christo desta edade!
O promettido este é da humanidade!
A nossa redempção este é que traz!
As suas sanctas leis são leis humanas!
Curve-se ás leis do povo a terra inteira!
Inscreve-as tu, bandeira brasileira,
Auriverde pendão sem nada mais!

Neste evangelho sagram-se os direitos!
Esta é a lei da terra, *que se move!*

Banha-se em plena luz de Oitenta e Nove
Nossa bandeira — a das nações eguaes!
Clame, esbraveje a soldadesca infrene...
É o estertor de um corpo moribundo!
Erga-se, á luz em que naufraga o mundo,
Auriverde pendão sem nada mais!

Essa bandeira apedrejada é o hymno
Da geração que altiva se levanta!
Nas verdes côres a esperança canta,
A côr doirada diz riqueza e paz!
Guerra de morte ao corôado roubo!
Quebrem-se os élos da servil cadeia!
Erga-se grande, a resplender da idéia,
Auriverde pendão sem nada mais!

S. Paulo, 1.º de julho de 1873.

O REBELDE

A GUERRA JUNQUEIRO

E' um lobo do mar; numa espelunca
Mora á beira do Oceano, em rocha alpestre.
Ira-se a onda, e, qual tigre silvestre,
De mortos vegetaes a praia junca.

E elle, olhando, como um velho mestre,
O revoltoso que não dorme nunca,
Recurva o dedo, como garra adunca,
Sobre o cachimbo, unico amor terrestre.

Então, assoma-lhe um sorriso amargo...
É um rebelde tambem, cerebro largo
Que odeia os reis e os padres excommunga.

Dorme sem rezas a palhoça torta...
Enorme cão feroz, guarda-lhe a porta
O velho mar soturno que resmunga.

1878.

A UM SENADOR DO IMPERIO

A ALEXANDRE STOKCLER

Ora estás no apogeu da gloria reluzente :
Subiste para sempre; és vitaliciamente
Nosso legislador, grande homem, se é que o ha.

Perdôa como um deus a grande alma de Allah.

És columna e pharol da vasta monarchia.
Tens uma firme gloria enorme que irradia
Ante uma multidão immensa de fiéis...
E, além de toda a gloria, alguns contos de réis.

Vê, se já pódes vêr, os homens com que hombreias :
Octaviano — o cantor que venceu as sereias,
Feiticeiro que muda em joias o papel,
Atheniense que tem o labio ungido em mel
E que põe na palavra os brilhos do diamante ;
Como o archanjo Miguel formoso e coruscante,
Vê José Bonifacio, alma gêmea do sol.

Que illuminada altura e que brilhante escol !

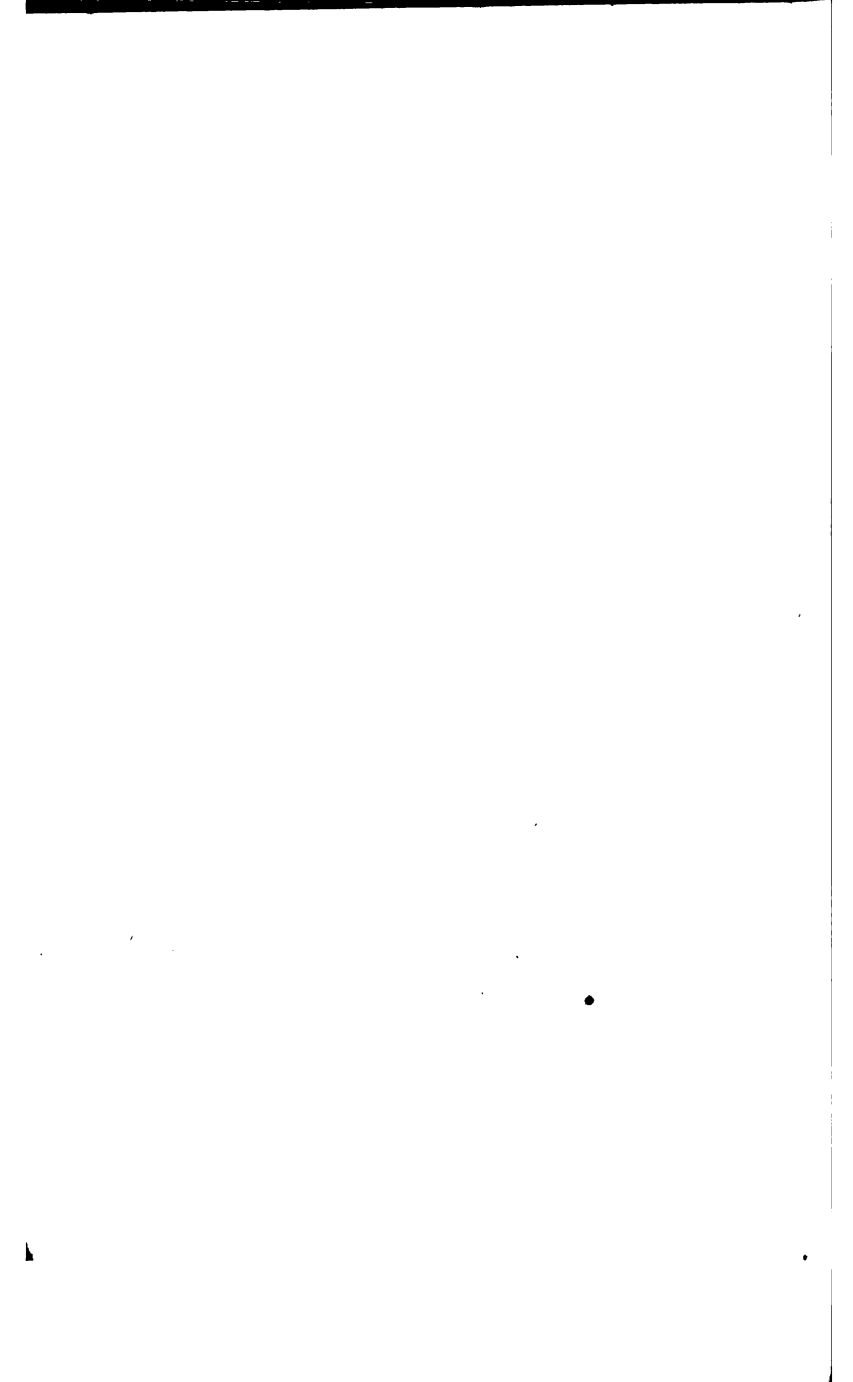
No velho Pantheon do campo de Sanct'Anna,
Cinge-te o louro eterno a fronte soberana.
Senador e ministro ! — estás sentado á mão
De Deus Padre ; e nem vês, embaixo, a multidão,
O povo, a plebe vil sem nome e sem dinheiro,
Corja de pedinchões vadios e venaes...
Tu campeias no céu — e vê-te o mundo inteiro...

Judas de Kerioth, pagaram-te demais !

De feito, que eras tu ? Vaidoso como um ôdre
Vasio, e, quanto ao mais, uma consciencia pôdre.
Como Troplong, o infame, ao vil Napoleão,
Jurista, te vendeste a Pedro, o bom patrão.
Quizeste ennodoar ao mesmo tempo, traste !
A blusa popular com que te appresentaste.
Mas não ! manchado és tu, manchada é a libré
Que tu vestes agora ; o infimo galé
Teria nojo della !

És hoje um poderoso
Ministro e senador; pois olha, um cão leproso
Fugiria de ti, por não sujar-se mais.
Transpuzeste orgulhoso os augustos umbraes
Do senado, e a curul que sob ti se infama
Ha de ser como aquelle ominoso Hakeldama
Com o preço da traição comprado, um máu logar
Esteril e sem luz — campo de sepultar.

Sabe-se — a Historia o diz — que um despota romano
Fez consul um cavallo. O nosso soberano,
Caligula jogral, tyranno bonachão,
Para nos aviltar, faz senador um cão!

Minas, 1884.

A CANÇÃO DO MOÇO MONTANHEZ

UHLAND

A MANUEL DE OLIVEIRA ANDRADE

Sou o moço pastor da montanha;
Os castellos do valle domino;
Dá-me o sol sua luz desde a aurora,
E commigo é que mais se demora;
Sou o moço pastor da montanha!

Da torrente este é o berço materno;
Bebo-a fresca ao jorrar do rochedo;
Ella brame a saltar pelas brenhas,
E eu recebo-a nos braços sem medo;
Sou o moço pastor da montanha!

A montanha é o meu livre dominio,
Pelos lados a cercam procellas;
Quando rugem do sul e do norte,
Canto um canto mais alto do que ellas;
Sou o moço pastor da montanha!

Tenho aos pés o trovão e o raio,
Pois que móro no céu azulado;
Eu conheço-os de perto e lhes brado:
— Respeitae de meu pae os penates;
Sou o moço pastor da montanha!

E no dia em que der-se o rebate,
E eu vir fógos nos montes brilhando,
Descerei e entrarei nas fileiras,
A brandir minha espada, e cantando:
Sou o moço pastor da montanha!

S. Paulo, 1873.

A MORTE DO CZAR

A CANDIDO BARATA

> Odiar os tyrannos é amar os povos.
>
> VICTOR HUGO.

GRAÇAS! louvado seja o braço nihilista
Que acertou afinal!
Matou-se a velha féra, o abutre da conquista,
O urso imperial!

É bom que estes velhacos,
Estufados de orgulho e reis pelo terror,
Vejam que custa pouco a reduzir a cacos
Um grande imperador.

Martyres que jazeis nos [illegible]os da Siberia,
Polacos, exultae!
O' Pestel! Ryieief! a re[illegible]
Com *urrahs* a[illegible]o funerea
[illegible]e!

Aquelle real patife
Era um devorador de carne humana : então
Applicaram-lhe em cheio a pena de Talião :
Fizeram delle um bife.

Mas dizem : Libertou milhões de servos. Sim !
Ganhou em cada servo um novo tributario :
Libertou em favor do imperial erario.
Graça de rei, por fim !

Acabou de pregar uma nação na cruz,
Depois esbofeteou-a !
E a Polonia morreu — estrangulada leôa !
Assim tivesses, czar ! mil vidas para o obuz !

Tu quizeste encerrar o Futuro e a Esperança
Num circulo de ferro — a corôa. Afinal,
Pagaste menos mal
O teu êrro infantil, decrépita criança !

A Russia, sacudindo o secular quebranto,
Livre e grande entrará na união fraternal
Dos Povos. Entretanto,
Apodrece p'ra ahi, pedaço de animal !

Minas, 1881.

HYMNO DA PLEBE

A LUIZ GAMA

Ça ira! ça ira!

Eis nos de frente, á luz do dia erguidos!
Eis-nos de pé no turbilhão da praça!
Ao Despotismo com o morrão ardente
Mortal sentença a mão do Povo traça!
Eia, bandidos! a vingança espera!
Pretorianos, alguazis armados,
Vireis bater nos baluartes vivos
Dos nossos peitos de plebeus honrados!

Ha muito vemos, em feroz silencio,
Rolar aos pés da Lei, tôrva homicida,
As altas frontes dos tribunos martyres!
E o cadafalso — em vez da estatua erguida!
E em vez da gloria — decretada a infamia!
E em vez da patria e os lares seus amados
— O exilio... É muito! Estão ardendo em brio
As nossas faces de plebeus honrados!

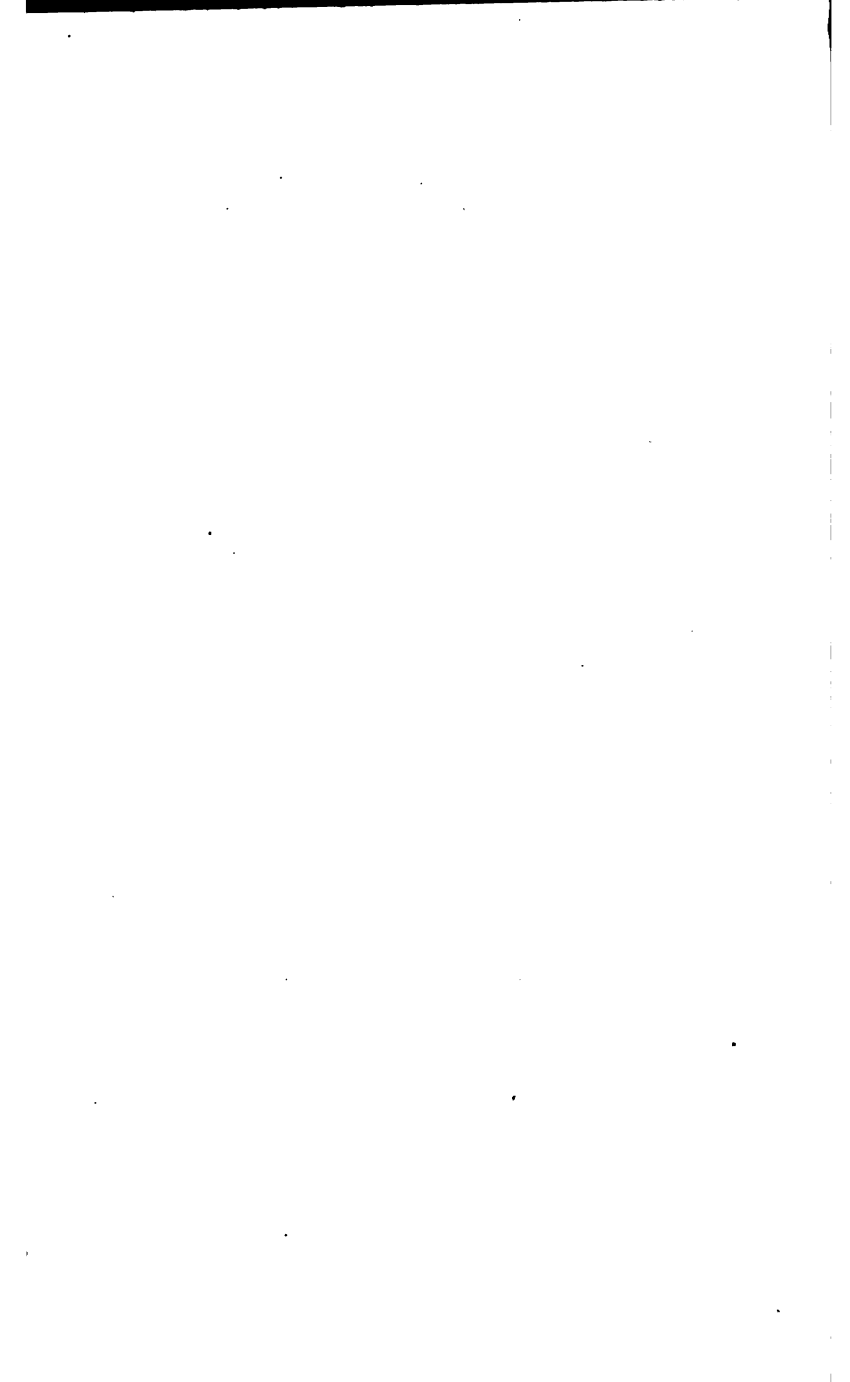
Ha muito tempo que estertora em ancias
O nosso peito comprimido e forte,
E que sonhamos, no captivo somno,
Uns sonhos negros de vingança e morte!
Ha muito tempo em nossas almas francas
Toca a rebate a consciencia em brados!
Reage agora revoltado em fogo
O nosso sangue de plebeus honrados!

Quando um tyranno nos assanha os brios,
Pula-nos dentro um coração serpente!
Em féros botes nos devora o peito!...
Surge na praça a barricada ardente!
A chamma oppressa se levanta incendio!
Eis nos erguidos! com os grilhões quebrados,
Saltam na lucta com um furor de tigres,
Os nossos braços de plebeus honrados!

Quando a cratera escancarada, horrenda,
Vomita lavas, que sublime cousa!

São como as lavas as paixões do Povo,
E todo throno num volcão repousa!
Os opprimidos se revoltam sempre!
É sempre a historia dos leões domados!
Eis-nos erguidos! só a morte curva
As nossas frontes de plebeus honrados!

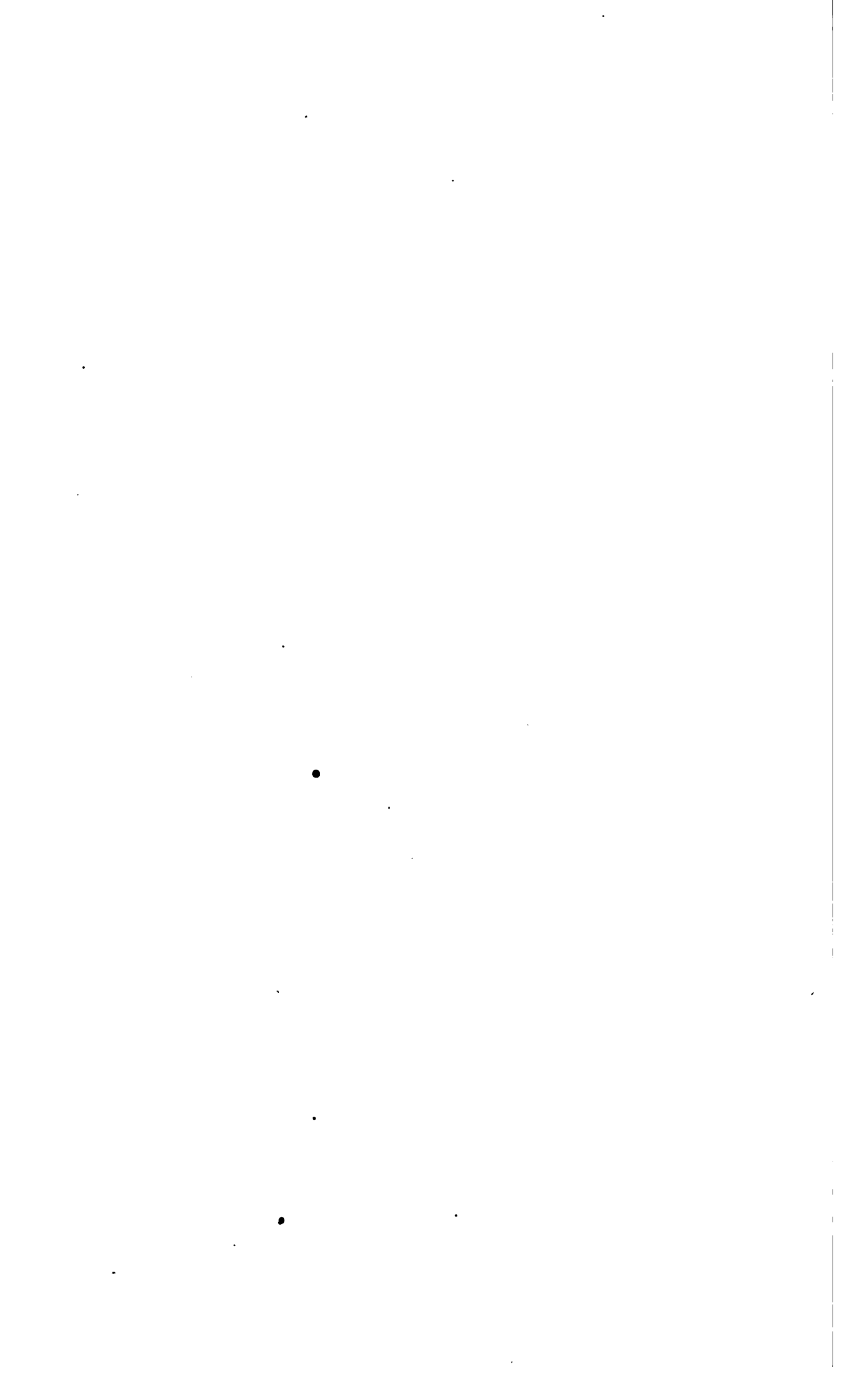
Nunca! nem ella abaterá do Povo
(A historia inteira das nações que o diga!)
As livres frontes, que renascem novas
Como as cabeças dessa hydra antiga!
Morrer que importa? Com fervor votamos,
Grandes, com a gloria dos heróes tombados,
Da Liberdade nas sagradas aras
As nossas vidas de plebeus honrados!

S. Paulo, 1873.

A PROTECÇÃO DOS REIS

A J. P. DO CARMO CINTRA

Ai do poeta que se accolhe a um throno,
E que implora de um rei mão protectora!
Ai delle! nesse putrido ambiente
Pende-lhe morta a fronte sonhadora.

Assim ao viajor da Africa adusta
Hospitaleiro abrigo lhe similha
Uma arvore gigante; e elle adormece
Morto á sombra lethal da mancenilha!

S Paulo, 1873.

UM MAGISTRADO DO IMPERIO

A SALDANHA MARINHO

«Eu o entrego ao opprobrio e á execração de todas as almas bem nascidas; e pudesse a tóga. pretendida honoraria, concedida por preço do feito abominavel, que daqui vejo sórdida da cal do sepulchro profanado, grudar-se-lhe ás carnes como a tunica do Centauro, e ser-lhe flagello incessante e eterno em vez do remorso que não sente.»

J. F. Lisboa. — «*Disc. sobre a amnistia.*»

Quando esse bronzeo verbo incandescente
O eterno estygma te imprimiu na face,
Decerto estremeceste interiormente,
Como se dentro em ti algo acordasse...
Qual da entranha do globo rompe a lava
E vae ruborisar a neve fria,
Era a tua consciencia que irrompia
E tuas faces ambas flagellava!

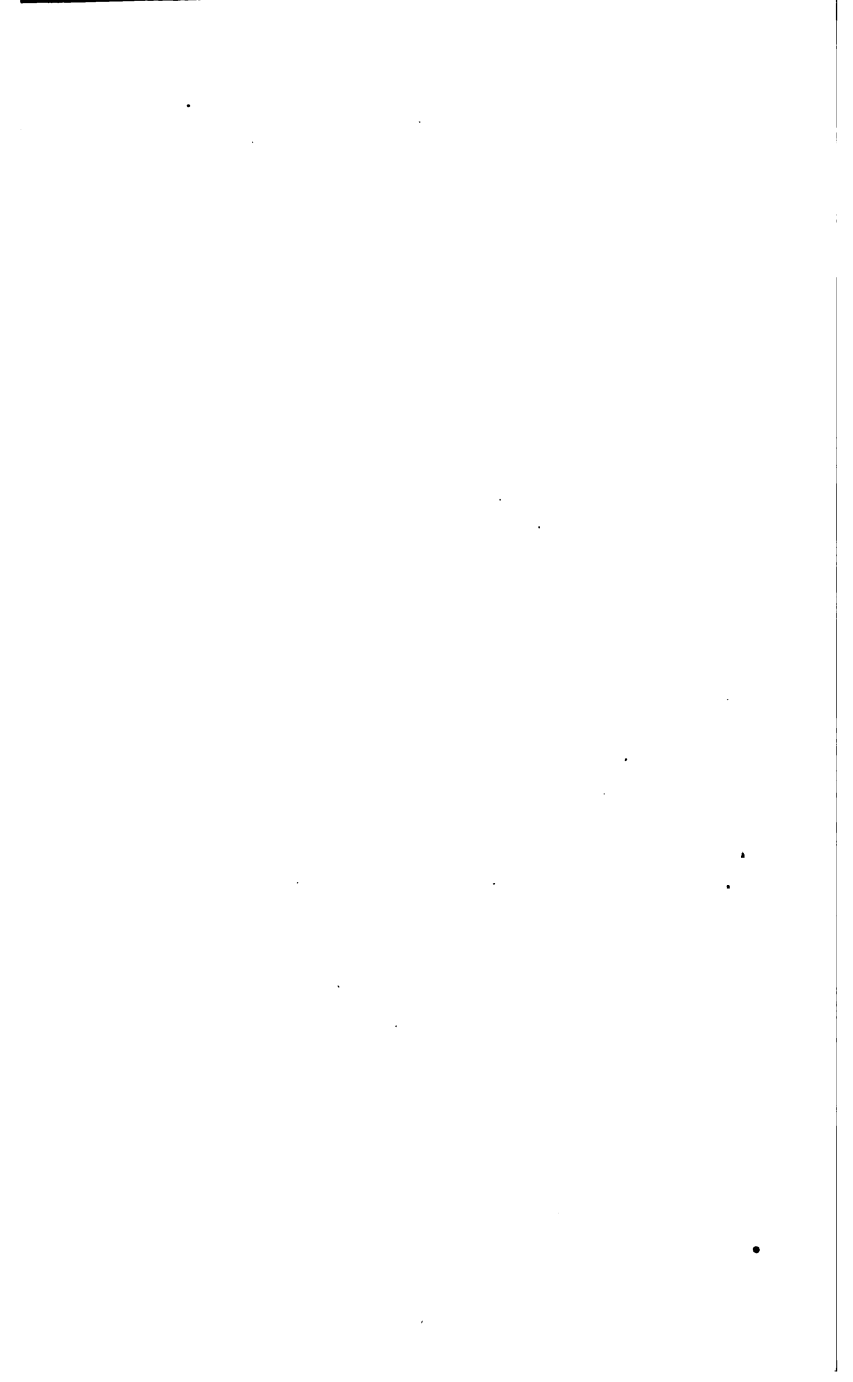
Nunes Machado! os moços desta éra,
Honrado cidadão, rendem-te culto.
Infeliz luctador d'estreita esphera,
A affronta sublimou teu nobre vulto.
No dois de fevereiro morto em lucta,
Repousavas no tumulo sagrado...
Então, ás ordens de um chacal togado,
Dalli veio arrancar-te a força bruta!

Pelas ruas da attonita cidade,
«No meio dos baldões da vil gentalha»,
Arrastaram-te morto! O' Liberdade,
Musa dos fortes, toma essa mortalha
Do livido cadaver profanado,
Torce-a nos dedos, vibra-a como um raio,
Corta, fustiga as faces ao lacaio,
E atira-o para a Historia — deshonrado.

Aquelle que Littré poz, sábiamente,
Entre o rei d'Yvetot e o rei Bobêche,
Deu-lhe alta posição em que se assente
Até que a morte as palpebras lhe feche
E a vil carcassa a terra lhe reclame...
Mas a Justiça, a deusa inexoravel,
Toma contas ao velho miseravel
E estampa-lhe na fronte o estygma — INFAME.

Infame, emquanto houver memoria humana,
Emquanto se extremar crime e virtude,

Infame, dos palacios á choupana,
E desde o sabio ao proletario rude.
E quando o Juiz terrivel da *outra vida*,
A Historia, convocar a julgamento
Os mortos, para dar gloria ou tormento,
Treme de horror, hyena fratricida!

Minas, 1882.

A CORÔA SUBMERGIDA

BALLADA DE UHLAND

A MUNIZ DE SOUZA

No alto da collina
Uma casinha ergue-se ;
Um panorama esplendido
Dalli se descortina ;
Livre trabalhador
Lá móra, que, ao crepusculo,
Afia a foice, e canticos
Entôa ao Creador.

Embaixo, ha um sombrio
Pantano ; alli submerge-se
Corôa em que já viram-se
Fulgor e poderio;
Á noite, ha a brilhar
Saphyras e carbunculos ;
Alli está ella ha seculos,
Ninguem a vem buscar !

1874.

AD MAJOREM DEI GLORIAM

VICTOR HNGO

A AMERICO DE CAMPOS

« Com effeito, o nosso seculo é admiravelmente delicado. Imagina elle, porventura, que esteja completamente extincta a cinza das fogueiras? que dellas não reste mais nem um tição que accenda ainda um archote? Insensatos! chamam-nos *jesuitas*, julgando que nos cobrem de opprobrio! Mas os *jesuitas* lhes reservam a excommunhão, uma mordaça e fogo... E, um dia, hão de ser os senhores de seus senhores.

O padre ROOTHAN, *geral dos jesuitas*, na conferencia de Chiéri.

ELLES disseram: « Nós vencedores seremos.
Padres pela sotaina e pelo ardil soldados,
Direitos, leis, progresso havemos derrocar,
E com os destroços disso erguer um forte havemos,
E lá, p'ra nos guardar, quaes cães de fila irados,
Dos preconceitos crús a grey desaçaimar.

« O cadafalso é bom; é necessaria a guerra;
Povo, acceita a pobreza, a ignorancia acceita:
Para o inferno o tribuno em corpo e alma vae;
O homem que nada sabe é o anjo da terra.
Ha de a nossa legião, de força e astucia feita,
Embrutecer o filho, amordaçar o pae.

« Nossa palavra, hostil ao seculo que passa,
Ás turbas choverá da tribuna sagrada;
Os tíbios corações, ella os regelará,
Matando o germen todo util e bom que nasça;
Dissolver-se-á depois como no chão a geada,
E quem a procurar não mais a encontrará.

« Sómente... hão de ter frio as almas que escutavam,
E não arderá mais nenhum dos fogos sanctos;
E se aos homens de então alguem bradar-lhes mais:
— Salvae a liberdade: os vossos paes a amavam!.
Hão de rir (que virão dos nossos negros antros)
Da liberdade morta e de seus mortos paes.

« Padres, havemos ter uns motes muito sabios:
— Ordem, Religião, Familia, Propriedade;
E se, judeu, pagão, mouro ou bandido, alguem
Vier nos ajudar com o perjurio nos labios,
Archote e ferro em punho, ébrio de atrocidade,
A roubar e a matar, diremos: Está bem!

Vencedores, fataes, temidos, sem receio,
Havemos de viver, fortes no inaccessivel.

Mithra, Christo, Mahomet,... bem pouco se nos dá!
Reinar é nosso fim, — desterrar, nosso meio.
E, se algum dia ouvir-se o nosso riso horrivel,
A treva da alma humana em sustos tremerá.

« Amarraremos a alma em profunda caverna.
É o feilah do Nilo, ou é da Hispanha o frade
O idéial da nação governada e servil.
Rasão, direito, abaixo! a espada viva eterna!
Cadella sôlta é a idéia, e mais nada, em verdade.
Cadeia com Rousseau! Voltaire para o canil!

Se o espirito luctar, nós o suffocaremos.
Ao ouvido á mulher fallar baixinho vamos.
Teremos os pontões, a Africa, o Spielberg.
A fogueira morreu? — de novo a accenderemos;
Não podendo atirar-lhe o homem, lhe atiramos
O livro; em falta de Huss, queimamos Guttenberg.

« Quanto á Rasão, que estende a Roma a audacia sua,
Chamma accesa por Deus no humano craneo, aquella
Que a Socrates luzia e guiava a Jesus,
Nós, bem como o ladrão que roja e se insinúa,
E começa, ao entrar, por apagar a vela,
Furtivos, por detraz, sopraremos a luz.

Na alma humana então será noite fechada.
Sobre o anniquilamento é que o poder se apura;
O que nos parecer, faremos sem rumor.

Nem um respiro, nem um bater d'azas, nada
Se agitará na treva; e torre mais sombria
Do que a noite ha de ser nosso forte em negror.

« Reinaremos. A turba é onda que obedece.
O mundo ha de curvar-se á nossa força estranha;
Teremos o poder e a gloria no apogeu;
Sem medo algum, pois fé nem lei nos entorpece... »
— Quando habitasseis já das aguias na montanha,
De lá, disse o Senhor, vos arrancára eu!

1872.

AO MENINO REPUBLICANO

SYLVIO DE ALMEIDA

Dizem as tradições que Hercules, no berço,
Infante, estrangulou, sorrindo, uma serpente...
Um monstro mais traidor, um collo mais perverso,
Tu, herculea criança, esmagas egualmente.

Mata-o com toda a luz da verdade inclemente
Tua palavra ingenua.— O tôrvo monstro adverso
Chama-se o Despotismo. (E, trémulo, o meu verso
Ruge, de o nome só lhe ouvir, tigre impaciente!)

Sylvio, o velho cantor que eternos versos grava
Diz que um menino grego, ao vêr a patria escrava,
Pediu polvora e balas, o anjinho!... o chacal!

Assim tu, que já vês o nosso captiveiro,
Queres a todo instante, horrivel petroleiro,
Essa metralhadora esplendida — o jornal!

Pouso Alegre, 1879.

AGUIA MORTA

Á MORTE DE JOSÉ BONIFACIO

A MARTIM FRANCISCO SOBRINHO

Viu-se emfim que era humano aquelle espirito :
A Morte o quiz provar,
E, temendo o protesto, impoz-lhe aos labios
O sêllo tumular.

Ó revoltante iniquidade! o Oceano
É grande, abraça a Terra e a esbofeteia,
Lucta com o tôrvo Céu, que o chicoteia
Com os látegos do raio, e soberano
Triumpha e canta indomito e selvagem.

O Céu é grande;—imagem
Da eterna Fôrça nunca fatigada,—
Apenas aplacada
A tempestade, a dôr que ulula e chora,
Volta-lhe a azul purissima alegria,
Riem-lhe as graças infantis da aurora,
Ou tem do occaso a ardente maravilha,
Ou dos astros a accêsa pedraria.
O Rio é grande, e eterno o Rio corre.
O Sol é grande, e eternamente brilha.
—O Genio é grande, e morre!

....

Quando á tribuna olympico assomava
Como se o genio da eloquencia fôra,
Rápido o vôo poderoso alçava,
Aguia, dos altos céus dominadora.
Já não ha que subir, e sóbe avante,
Sóbe a perder-se á vista
Dos que a seguem, attonitos, pasmados;
E quando volta e queda-se arquejante,
Traz na febre dos olhos desvairados
Os clarões da conquista!

A aguia está morta; no seu ninho alpestre
Pousou para morrer, entre o nevoeiro
Da terra idolatrada. O derradeiro
Hymno lhe canta agora a harpa silvestre
Do Cubatão, tangida pelos ventos.

Exhala o mar soluços e lamentos
Pela deserta praia. No horizonte,
Como uma guarda de honra se perfila
A Cantareira.
A aguia está morta; agora
Levante a negra iniquidade a fronte!
Roje a serpe tranquilla,
E o môcho insulte a aurora!

« Como um tambor ao fim duma batalha »,
Rompeu-se o altivo coração estoico,
Que pelo bem pulsára em desatino.
Nunca nas brancas dobras a mortalha
Outro envolveu mais puro e peregrino.
— Chora e abençôa, Patria, o filho heroico,
E tu, Justiça, o morto paladino!

Protege-nos d'além, sombra bemdicta!
Grande espirito, não nos desampares!
Tu, — como o genio tutelar que habita,
Para os antigos, nos accêsos lares, —
Na alma da mocidade
Brasileira, que te ouve eternamente,
Abrasada no amor da liberdade,
Tens culto eterno em ara sempre ardente!

Valença, oitubro, 1886.

VOZES DO SECULO

A J. M. VAZ PINTO COELHO

Um dia, na sombra immensa
Do velho mundo pagão,
—Arrebol da luz eterna —
Brilha um fulgido clarão!
Depois... tragico e sereno
Morre o grande *visionario*...
Doce Jesus do Calvario,
Deus do amor e do perdão!

E o mundo inteiro estremece
Quando o pallido Jesus

No derradeiro gemido
Inclina a fronte na cruz;
E o seu *verbo incendiario*
Propagou-se... — Liberdade!
Fraternidade! Egualdade!
É a revolução da luz!

E das serenas alturas
Onde Elle morreu, então,
Desce uma caudal de graça,
Um luminoso Jordão...
Eil-o, inunda a terra inteira,
Bom, suave, humanitario...
É o teu olhar do Calvario,
Deus do amor e do perdão!

Então Themis, a Justiça,
A austera deusa sem dó,
A musa do estoicismo,
Viu que já não estava só...
A seu lado, luminosa,
Anjo bom da nova edade,
Erguêra-se a Charidade,
Que o Christianismo gerou!

A arte, a bella impudica,
A núa grega, a visão
De Phidias e Praxiteles,
Velou as fórmas... e então

Viu-se a idéia — casta e sancta.
— Sancto revolucionario!...
Doce Jesus do Calvario,
Deus do amor e do perdão!

E a poesia, a companheira
Do velho Homero sem luz,
A ébria amante de Horacio,
De olhar langue e seios nús,
Córa, — nova Magdalena...
Pede álguem que o céu lhe ensine...
Chama-se hoje Lamartine,
Casta fronte, olhos azues...

Na alma da humanidade
Entra um divino clarão...
A mulher sente-se sancta,
O homem sente-se irmão.
A verdade, o bem, o bello
Brilham na alma-sanctuario!...
Graças, Jesus do Calvario,
Deus do amor e do perdão!

... Oh! mas eis que tudo muda
Um negro genio infernal!
Abysma-se o mundo em trevas,
Na noite agita-se o mal!
Nos corações morde o odio...
Amarga n'alma a vingança...

Ai! só se sente a esperança
Na mão que aperta o punhal!

Que horrenda tragedia é esta
Que em meio da escuridão
Invade o mundo, accendendo
As febres da indignação?!
Ah! destes demonios negros
Cada qual é teu vigario,
Loiro Jesus do Calvario,
Deus do amor e do perdão!

—Elles, os sanctos obreiros,—
São uns bandidos, meu Deus!
Cada padre é um Anti-Christo!
Elles é que são atheus!
Mais que Pedro, elles te negam
Mil vezes, filho do Eterno!
E o teu coração paterno
Ferem mais que os phariseus.

Tu enxotaste do templo
Os mercadores, em vão!
Olha como mercadeja
Pio Nono, o vendilhão!
S. Pedro, avido porteiro,
Abre o céu—a preços fixos!
Ai, Christo dos crucifixos!
Ai, bella religião!

Olha! a Sancta Madre Egreja,
A esposa celestial,
Impõe as mãos ao carlista
E abençôa-lhe o punhal!
Assim, outr'ora, á Vendéa,
Velha beata assassina,
Deitou-lhe a bençam divina
E fez-lhe o sancto signal.

Assim cobrira de bençams
A Luiz Napoleão,
Rei cobarde e assassino,
Rei traidor e rei ladrão!
Como já sagrára o *grande*,
Tôrvo monstro sanguinario...
Por ti, pomba do Calvario,
Deus do amor e do perdão!

Assim, — divina criancice! —
A filha de Nazareth,
A meiga esposa do Christo,
Criança cheia, como é,
De vontades, um bom dia,
Quiz um fogo d'artificio,
E accendeu-se o Sancto Officio...
Pois é tão simples, não é?

Agora, na livre Hispanha,
Resuscitada nação,

Eil-os, os sanctos carlistas,
Bacamarte e cruz na mão!
Os bandidos arvoraram
Por bandeira o teu sudario,
Meigo Jesus do Calvario,
Deus do amor e do perdão!

Oh! attende, Deus piedoso!
Rezam tremulos aqui
Os catholicos romanos,
Que ainda esperam de ti
Um *golpe de Providencia*...
Essas frontes inclinadas
Têm umas visões doiradas...
Sonham Saint-Barthélemy!

Sancto Deus de minha infancia,
Sagrada religião
Que minha mãe, de seus labios
Verteu-me no coração...
Tudo esvaiu-se... Mas brilhas
No meu intimo sacrario,
Doce martyr do Calvario,
Homem de amor e perdão!

S. Paulo, 15 de oitubro, 1874.

LUPUS IN FABULA

A LOPES TROVÃO

« Fallar no máu, apparelhar-lhe o páu. »

Cet homme avait tué le caractère,
la pensée, la vertu, le travail.

PELLETAN. — *Décad. de la monarchie.*

ORAVA um professor do Imperial Collegio
De dom Pedro II : « Acerca deste rei,
Gloria da monarchia, honra de sua grey,
Que ao seculo que o viu legou seu nome egregio,

« E ainda que o dizel-o aqui é um sacrilegio,
Sacerdote da Historia, impávido direi
Que era um tyranno vil, alma sem fé nem lei,
Que enthronisou comsigo o arbitrio e o privilegio.

« Infatuado e máu, comilão e devasso,
Governou este rei corrupto e corruptor
Um grande povo exhausto e morto de cançaço.

« Tal era Luiz XIV, o rei-sol, protector
Das lettras... » Neste instante, em magestoso passo,
Entrou pela aula dentro o nosso imperador.

Minas, 1880.

NO TREM DE FERRO

A FILINTO D'ALMEIDA

VINHA sentado gravemente, mudo,
D'olhos baixos, obeso e venerando,
Mãos cruzadas no ventre, ruminando
Velhas rezas ou sancto e duro estudo.

Ergue o timido olhar, triste; comtudo,
É paternal e bom; de quando em quando
Ao céu o volve, ao céu que vae passando
Pelas vidraças, empoeirado. Tudo

Nelle respira a fé e cheira a egreja.
Por todos os seus póros Deus poreja.
Do seu breviario agora pasta as folhas.

Pio varão! para este já começa
O reino do Senhor!... mas sahe á pressa
E cahe-lhe da batina — um saca-rôlhas.

1886.

O PESADELO

A UBALDINO DO AMARAL

> Deo nihil impossibile.
> FERREIRA VIANNA.

ESTA passada noite, alli em Sancto Antonio,
Onde se refugiou das traições do demonio
O pensador austero, houve um caso de horror.
Tudo dormia, o claustro e o angelico doutor
Num forte resonar, alternado de arrôtos,
Mas nobres, não de mel silvestre e gafanhotos,
Senão da pescadinha e do Pontet-Canet
Com que se mortifica hoje um ventre que crê.

Dormia o justo, pois, quando na cella escura
Entrou subitamente uma estranha figura...
Magra, mais do que magra, esqueletica... o olhar
Desvairado de febre, a bocca a vomitar
Negro; e pondo-lhe a mão fria na testa ardente,
Disse, vociferou:

—Lacaio da Regente,
Esmoler-mór do Paço, eis o conto de réis
Com que me injuriaste as afflicções cruéis,
A agonia mortal.—

E cuspiu-lhe na face
Oiro candente, e mais... até que ella corasse!
E calcou-lhe no peito, e ajunctou:

—Vae dizer
Á beata imbecil que me deixe morrer
Em paz, que não preciso irmãs de charidade
Á minha cabeceira, eu, a heroica cidade
Que abriu á Escravidão foragida a alma e o lar!
Esta gloria não póde a hypocrita usurpar,
E eu disto me contento, e isto só me conforta,
No momento da angustia, a entranha semimorta.
Recolha a adulação da vassallagem vil
A embusteira; eu, na dôr da morte varonil,
Vejo, por sobre mim, mão reivindicadora,
A da Historia, insculpir: SANTOS, A REDEMPTORA.

Esvaiu-se a visão ; mas surgiu, logo após,
Outra mais alta ainda, e outra mais alta voz:
— Dorme teu somno vil de famulo repleto,
Miseravel ! O crime atroz está completo.
Bem se póde dormir em regalada paz...
Deus, afinal, é justo — e pessôa capaz.
No paço imperial diz-se, atraz das cortinas :
« Louvado seja Deus, está morta Campinas.
« Aquillo era uma praga, o diabo, o coração
« Do republicanismo e da revolução.
« Agora, boa noite ! era uma vez a aurora...
« Póde tranquillisar-se a Imperial Senhora.»

Mentís como villões, como cães, como vós !
Quanta vez me mataes! como o medo é feroz !
Aqui estou, viva e rija. A hora é de perigo :
O throno imperial póde contar commigo.
Como Santos, lhe devo a vida — e este chapéu.

O tu, que sempre estás a relamber o céu
Com o sonso olhar, dahi da escuridão da cella,
Rojando aos pés do altar a alma, magra cadella
Que anda a vêr como abócca a eterna gloria, vae
Mandar engorolar, com rótulo a Deus Pae,
Umas missas a bem destes pobres finados
Que esperam pela cóva e o perdão dos peccados:
O pundonor e a fé monarchica, o amor
Dos subditos fiéis ao velho imperador,
E o teu proprio governo apodrecido... —

Um grito
Fez dissipar-se o espectro, acordando o precíto
Alagado em suor de agonia. E entre ais
Exclama: «Peixe e vinho á noite, nunca mais!»

Rio de Janeiro, 6 de maio, 1889.

A REVOLUÇÃO

A SILVA JARDIM

Enthronisou-se a treva, e cresce e augmenta
O lugubre reinado da oppressora
Rainha que baniu a luz da aurora;
E a terra anceia, sôffrega, sedenta...

Mas é chegada a hora! Austera e lenta,
Qual se de um deus-juiz sentença fôra,
Róla no enorme espaço aterradora
A grande voz solemne da tormenta.

. . . .

Que é do estupendo horror?!... Em calma e pura
Gloria, fulgem os astros immortaes,
Rebrilha toda a constellada altura!

Assim te sonho, ó terra de meus paes,
Desaffrontada desta noite escura,
Gigante alegre ao sol dos idéiaes!

Campinas, 1876.

VISÕES DO ABYSMO

A

JOSÉ DO PATROCINIO

VISÕES DO ABYSMO

I

A ENJEITADA

A casa tem as apparencias ricas
Duma infamia feliz,... alvas, rendadas
Cortinas, bronzes,... galas alugadas,....
Miseria que se ostenta! Ai! como ficas

Tristonha ahi, com as faces tão pintadas,
Ó pobre rapariga! e nem replícas
Ás torpezas que as almas impudicas
Atiram-te, ao passar pelas calçadas.

A noite vem cahindo das alturas...
Hora de amor! No olhar que levantaste
Agora ao céu, havia idéias puras.

Depois, qual murcha flôr que pende na haste,
A fronte inclinas languida e murmuras:
«Ó minha mãe! porque me abandonaste?...»

II

O ANJO DO PROSTIBULO

A RODOLPHO ABREU

A casa é um antro: é o lar do vicio e do peccado.
ıga a baixo preço o corpo desgraçado
riste que alli mora, — emmurchecida flôr
e nunca em vida teve um raio só de amor!

odreceu de todo — e tem dezeseis annos!
az nos olhos febrís, mais bestiaes que humanos,
vinho da luxuria, a embriaguez do mal.
alli, naquella casa ignobil, immoral, 5

Existe uma criança, uma loira pequena,
Meiga como o perdão do Christo á Magdalena,
De limpido sorriso e claro olhar azul.

Raio loiro de sol na face do paul,
Alvo lyrio do céu brotado na immundice,
Flori naquella ruina aquella meninice.

III

A BESTA MORTA

A JOSÉ F. C. DE MENDONÇA

Na senzala, no chão, numa esteira amarella,
Jaz o filho de Cham, o maldicto. É um velho.
No mal coberto hombro os vestigios do relho
Traçaram-lhe uma cruz, — a unica que o vela.

Cruza no peito as mãos roídas do trabalho.
Sobram do cobertor os grossos pés informes.
— Dorme, descança emfim, que do somno em que dormes
Já não póde acordar-te a sanha do vergalho!

Como unica oração que tua alma proteja,
Por sobre a podridão de tua bocca fria,
Vibra no ar zumbindo a mosca de vareja...

Emquanto, ao longe, o sino, em voz cançada e lenta,
Reza, doce christão, a sua *ave Maria,*
E o moribundo sol as nuvens ensanguenta.

IV

A RELIGIÃO

A VALENTIM MAGALHÃES

VASTO palacio esplendido, a morada
Scintilla ao sol, por entre o magestoso
Parque cheio de sombra e de repouso.
Lacaios, de libré, guardam-lhe a entrada.

A aléa, de roseira e myrto orlada,
Vae morrer juncto ao marmore ostentoso
Duma ampla escadaria. — Nunca o pouso
Pede a pobreza alli, de envergonhada.

Habita-o, com certeza, um millionario,
Um principe, talvez... — Nada! ao contrario,
Um peccador de Christo mui pequeno :

Sua Excellencia o bispo diocesano,
Que nunca, por um nobre orgulho humano,
Imitou servilmente o Nazareno.

V

A RELIGIÃO

A JOÃO DRUMMOND JUNIOR

E' na roça, num rancho ao pé da estrada,
Ha pouco amanheceu. Do limiar,
Diz para dentro, irado, a gaguejar,
Um velho de estatura agigantada :

«Então, a um pobre paga-se a pousada
«Deshonrando-lhe a filha ?!... Máu lògar
«Escolheste, meu cão, para ficar !...»
Diz, e aponta a garrucha engatilhada

Para um vulto no canto encurralado.
Move-se este, ergue o braço e diz, pausado:
«Attende! por tua alma! por quem és!»

E descobre a cabeça. — «Ó Virgem Madre!»
Exclama o velho... «Me perdôe, padre!»
E vae cahir-lhe ajoelhado aos pés.

VI

O AMOR

A OLAVO BILAC

Menina, por amor de um estudante,
Longas noites velou entre chimeras,
E amava-a elle como em bellas éras
Á Dulcinéa o cavalleiro andante.

Mas o doce romance interessante
Atalha um pae burguez: as mais austeras
Lições recita á filha: « Tu, devéras,
« Não sabes vêr a vida um palmo adeante...

« Pois sim, pequena; casa com o taful,
« E vae depois morar... p'ra o céu azul. »
E assim mais coisas deste pêso disse.

Casou rica, está bem; hoje, feliz,
Adorna a testa do marido, e diz
Que essa historia de amor é uma tolice.

VII

O AMOR

(Palavras de uma adultera)

Toda alma é irmã de uma alma : Deus creou-as
Aos pares, e as fez mulher e homem ». (*)
aro permitte a sorte que se sommem
ssa divinas gêmeas... Agrilhôas,

atholicismo, as almas, ruins ou bôas,
'ra todo o sempre ! Quantas se não somem
os vórtices do mal ! Vamos ! perdôem-me !
o menos tu, religião, perdôas !

(*) Lamartine, *Jocelyn*.

Ai! como o inferno dos remorsos arde!
Porque vieste, ó alma irmã, tão tarde
Que só na infamia posso estar comtigo?!

De que me vale amar e ser amada?...
É uma grande loucura condemnada
Esta paixão, meu crime e meu castigo!

VIII

A FAMILIA

A RAUL POMPEIA

Abrasa o sol; chilreia no cerrado
O canto das cigarras estridente;
Vem um vago torpor do dia quente,
Do monotono céu enfumaçado.

No rancho de sapê, de beira rente,
Apagou-se o fogão, de abandonado.
Num berço de taquara, para o lado,
Chora um pequeno lastimosamente.

Toda curva no cêpo em que se senta,
Alisa as dobras do vestido sujo
Feia moça tristonha e macilenta.

Entra o marido. « Cruzes ! quem supporta
« Este inferno ? ! e maldiz-se quando fujo !... »
Pragueja, e sahe arremessando a porta.

IX

A FAMILIA

SOBRE UMA PAGINA DE EÇA DE QUEIROZ

A ALUIZIO AZEVEDO

SÃO as paredes de uma côr sympathica...
Mavioso perfume no ar ondeia...
Está-se bem na sala: é alta, cheia
Duma discreta luz aristocratica.

Juncto á condessa, muito branca, apathica,
Um gorducho marido papagueia.
Ao lado que o piano mais sombreia,
Em absorpção deliciosa, extatica,

Um rapaz loiro, encantador e sério,
Escuta, com adultero mysterio,
Do rechonchudo a esposa sensual.

Emfim sahe: e o olhar della vehemente
Pela janella o segue longamente...
E pensa do marido: «Este animal!»

X

A PROPRIEDADE

A PARDAL MALLET

Está silencioso o rico palacete
Do opulento senhor barão de qualquer cousa :
Volta do baile agora acompanhando a esposa ;
É alta madrugada. Ha pouco ao lansquenete,

Perdeu sua Excellencia uns contos... seis ou sete...
Já lhe não lembra quanto... A mulher, carinhosa,
Chama-o ; faminto olhar no alvo collo pousa,
Que as delicias febris do thalamo promette.

E é um seio de mãe, aquelle! mas não cria;
Á mesma hora, o filho, em camara sombria,
Mama em seio plebeu e livre de espartilho.

E o filho da ama chora... Ó magro pequenino,
Começas a sentir teu lugubre destino.
—Alugas, ó mãe pobre, a fome de teu filho!

XI

A PROPRIEDADE

(Art. 219 do Codigo Criminal)

A ARISTIDES LOBO

Enche longo silencio mortuario
A pobre habitação, toda fechada.
É a casa dum triste octogenario,
Rude e pobre; pois eil-a deshonrada.

Entrou-lhe a porta, em hora malfadada,
Um fidalgo. Fingia-se operario.
Mão de esposo promette á namorada,
E tem franco o indefeso sanctuario.

Rouba, como um ladrão, a honra alheia,
E á pobre gente que na dôr anceia
Sem ter um braço d'homem que segure-a,

E á pobresinha que nem hoje o odeia,
E ao fraco velho que succumbe á injuria,
Responde : « A Lei m'a offereceu : comprei-a. »

XII

A PROPRIEDADE

A A. J. ESTEVES JUNIOR

Súa, rasgando o seio á terra dura,
Ao sol ardente, o rude jornaleiro;
E na lôbrega mina fria, escura,
Lida e mata-se o intrepido mineiro.

No inclemente oceano traiçoeiro,
O pescador, que o negro céu tortura
Com as gélidas cordas do aguaceiro,
Em cada onda á morte se aventura.

Na cidade, entretanto, o gordo agiota
Farto digere e consolado arrota,
Pousando o calix de licor enxuto.

O que o Trabalho ganha em todo um dia,
Sua Alteza o Capital, que se enfastia,
Em meia hora o fuma —num charuto.

XIII

A PROPRIEDADE

(No cemiterio)

A AMERICO LOBO

Aqui jaz o calor da juventude,
As generosas ambições de gloria,
O amor — a luz da vida transitoria,
O enthusiasmo e os sonhos e a virtude...

Tudo enterrou-se aqui: o áspero e rude
Egoismo, e o orgulho e a illusoria
Esperança... Aqui jaz toda uma historia
Encadernada em cada um ataúde.

Neste funebre pouso derradeiro
A eternidade no silencio falla...
Mas ainda tem altares o dinheiro,

Que nem a Morte a humanidade eguala:
Para o rico — o epitaphio lisongeiro,
E para o pobre — o anonymo da valla!

XIV

O CONSORCIO MALDICTO

A RANGEL PESTANA

Elle é um rude sujeito honrado e generoso,
Forte e trabalhador. Ella é toda franzina;
É de antiga nobreza; e é da raça felina
O seu mavioso gesto electrico e nervoso.

Jura-lhe amor, e tem-lhe um odio rancoroso.
Sobre o peito do athleta o régio busto inclina,
E mette-lhe no bolso a mão fidalga e fina
E despoja-o. E elle, o bom e cégo esposo,

Deixa-se despojar, e trabalha, callado.
Ella com uns padres vís anda de mancebia,
E, fartos, riem delle, o enorme desgraçado.

Ella é a Messalina, a barregã sombria,
Elle, um trabalhador estupido e enganado.
Elle chama-se—Povo, e ella—Monarchia.

XV

NO FUNDO DO ABYSMO

(Paraphrase de um dicto popular)

A ALMEIDA SARINHO

Parámos de descer e de rolar,
Parámos: é o fundo já do abysmo.
Tirou-se de todo a mascara o cynismo;
É noite negra na alma popular.

Nasceu esta miseria deste par
— A Monarchia e o Ultramontanismo.
Despojou-nos o negro banditismo
No covil-throno e no balcão-altar.

O Patria! surge deste inferno em que ardes !
Concidadãos ! debalde esperareis,
Se das mãos do oppressor tudo esperardes.

Não ! vós não vos salvaes se não bebeis
Todo o sangue do ultimo dos padres
Pelo craneo do ultimo dos reis!

Minas, 1879.

A' MOCIDADE MILITAR

Recuperare aut mori ; nunc aut nunquam.
Divisa de **Mauricio de Nassau.**

loços, ó meus irmãos ! a hora se approxima !
Alerta nas fileiras !
sol, rútila trompa, entorna lá de cima
Alvoradas guerreiras !

m pávido refluxo, a noite vae-se embora
nte a enchente de luz que o espaço todo invade.
Erguei-vos, mocidade !
Fraternisae com a aurora !

ob o azul pavilhão deste céu brasileiro,
ntre visos de serra audazes como brados,
Não póde haver soldados
enão da Liberdade e contra o Captiveiro !

ois a força, o valor, o « braço ás armas feito » ;
ois que já mostra a garra a tyrannia mansa,
Atirae na balança
espada da Justiça, ó Brenos do Direito !

Á honra da Nação votastes vosso braço;
Da Monarchia, não, da Patria é que sois guarda:
Mostrae que a nobre farda
Não é libré do Paço!

Suscitam contra vós os comicos uhlanos
Da Guarda Nacional... Venturosa lembrança,
Dar uma farça em guarda á farça de Bragança,
Á realeza imbecil e aos papos de tucano.

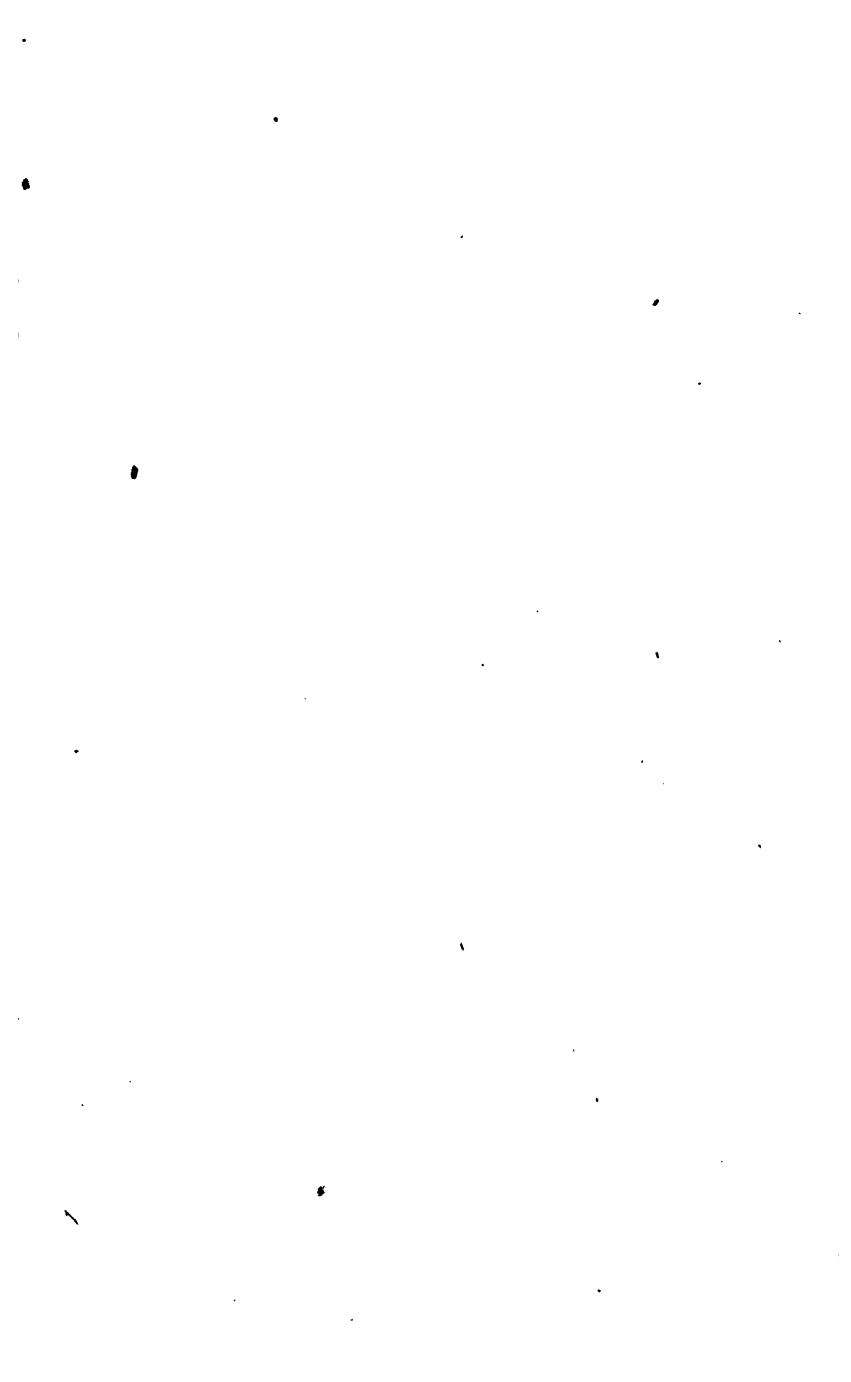
De pé, moços! abaixo o throno! acima o povo!
Sôe o hymno triumphal do palacio ao casebre!
Accenda da paixão democratica a febre
O vosso altivo sangue audaz, vermelho e novo!

Ladario, o algoz dos seus, pendente duma vêrga
Fará boa figura...
Emquanto pela altura
O livre pavilhão se desenrole e se erga!

O govêrno está forte — e os ventres socegados...
Já do Terceiro Imperio as tôrpes gargalheiras
Vão nos estrangular os derradeiros brados....

Agora ou nunca mais! — alerta nas fileiras!

Oitubro de 1889.

NOTAS

NOTAS

A BANDEIRA APEDREJADA

Toda esta poesia allude ao apedrejamento do edificio da *Republica,* pela policia, nesta Côrte, em fevereiro de 1873, ao festejar-se alli a proclamação da Republica em Hispanha.

Achava-se a frente do predio illuminada e adornada com as bandeiras de todas as nações republicanas. Entre estas havia a bandeira brasileira, mas sem a corôa que a macúla. Entre as bandeiras estava, num transparente, o retrato de Emilio Castelar. Liam-se em uma inscripção a gaz, sobre a taboleta da casa, estas palavras: *Viva a Republica!*

A UM SENADOR DO IMPERIO

Não me pareceu necessario alterar as referencias aos dois preclaros senadores liberaes já fallecidos.

O protogonista destes versos ainda ahi continúa nas mais elevadas posições de nossa sociedade. Dez annos volvidos sobre esta explosão da mais justificada indignação, se modificaram o meu conceito ácerca do merito intellectual desse homem, em nada me alteraram o modo de lhe julgar o character.

A MORTE DO CZAR

Mas dizem: libertou milhões de servos.

Entre nós, disse-o, se bem me recordo, a *Gazeta de Noticias* desta capital, commentando o grande acto revolucionario que anniquilou o despota, não tendo podido, infelizmente, anniquilar tambem o despotismo na Russia.

Responda á *Gazeta* o immortal Michelet, no seu bellissimo opusculo *La France devant l'Europe*, pags. 102 e 103:

«... La fameuse émancipation des serfs s'est trouvée en fait une aggravation du czarisme. Il est curieux de voir combien les Américains et autres se trompent là-dessus.

«... Remarquez pourtant deux choses: c'est qu'en

allégeant ainsi le paysan du côté du seigneur, le c
le charge d'autant pour son trésor impérial. En qua
ans, il a plus que doublé l'impôt direct (v. Wolowski

A Russia, sacudindo o secular quebranto,

«... le bon et infortuné peuple Russe, âme
peine, horriblement *enchantée* dans cet Empire
diable qui lui a ôté toute vie, tout développemen

(MICHELET, obr. cit., pag. 99.

UM MAGISTRADO DO IMPERIO

É já fallecido o magistrado a quem se refer
estes versos; não importa: sigo e adopto a opinião
meu respeitavel correligionario politico dr. Amer
Brasiliense, nas suas *Lições de Historia Patria:* «J
tiça aos vivos e aos mortos».

«No meio dos baldões da vil gentalha»

Phrase do mesmo discurso de João Franci
Lisbôa que forneceu a epigraphe.

AO MENINO REPUBLICANO SYLVIO DE ALMEIDA

A criança fervorosamente republicana a quem
este soneto é hoje distincto estudante da Faculda
de Direito de S. Paulo e tem cada vez mais acc
drada a paixão da democracia.

Sylvio, o velho cantor que eternos versos grava

Allusão a Victor Hugo, nas *Orientaes*, XVIII,
menino.

O PESADELO

Versos distribuidos em avulsos no theatro D. Pe
II, na noite de 6 de maio deste anno, no espectac
promovido pela Imprensa Fluminense a beneficio
victimas da febre amarella em Campinas, espectac
a que assistiu a princeza imperial.